



## CRISTIANISMO E MEMÓRIA: LEMBRANÇA E ESQUECIMENTO EM DIETRICH BONHOEFFER<sup>1</sup>

---

### CHRISTIANISM AND MEMORY: REMEMBRANCE AND FORGETFULNESS IN DIETRICH BONHOEFFER

Karina Fonseca Soares Rezende<sup>2</sup>

#### Resumo:

O presente artigo pretende analisar de quais maneiras a memória foi compreendida por Dietrich Bonhoeffer, um dos principais teólogos alemães do século XX, em dois sermões pregados por ele na cidade de Londres no final do ano de 1933. Objetiva-se perceber como a mobilização do passado e das histórias bíblicas, assim como a ênfase dada ao ato de lembrar acontecimentos da tradição judaico-cristã, podem ser motes de ação para o presente. Para tal, foram selecionados dois de seus sermões de novembro de 1933. A análise da perspectiva de Bonhoeffer sobre memória, eternidade e a morte serão lidas através da perspectiva teórica de autores como Jacques Le Goff, Michael Halbwachs e Paul Ricoeur.

**Palavras-chaves:** Memória; Pregação; Dietrich Bonhoeffer; Protestantismo alemão.

#### Abstract:

The current article intends to analyse in which terms memory was understood by Dietrich Bonhoeffer, one of the most important German theologian in the 20th century, in two sermons preaching by him in London in late 1933. I intend to observe how the use of the past and biblical stories as well as the importance of remarkable moments in Judeo-Christian tradition are action principles for present. For such, it was selected Bonhoeffer's two sermons both preached in November 1933. The analysis of Bonhoeffer's view about memory, eternity and death will be understood through the perspectives of scholars such as Jacques Le Goff, Michael Halbwachs and Paul Ricoeur.

**Keywords:** Memory; Preaching; Dietrich Bonhoeffer, German Protestantism.

\*\*\*

## INTRODUÇÃO

Afastou a paz de minha alma; *esqueci-me do bem*. Então, disse eu: já pereceu a minha glória, como também a minha esperança no SENHOR. *Lembra-te da minha aflição* e do meu pranto, do absinto e do veneno. Minha alma, continuamente, os recorda e se abate dentro de mim. *Quero trazer à memória o que me pode dar esperança.*<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> Enviado em: 11.09.2020. Aceito em: 03.02.2021.

<sup>2</sup> Mestranda e Licenciada em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). É professora na Rede Estadual e Privada no Estado de Minas Gerais. Contato: [kaa.rezende@gmail.com](mailto:kaa.rezende@gmail.com)

<sup>3</sup> Lamentações, 3:17-21.

A tradição judaico-cristã ocidental reserva um especial lugar para a memória. O cânone bíblico tem livros, tanto no Novo quanto Antigo Testamento, que trabalham a importância do ato de lembrar. O Pentateuco, por exemplo, traz o arco estabelecido por Deus nas nuvens como forma de “lembrar do concerto eterno entre Deus e toda alma vivente”<sup>4</sup>; o livro de Êxodo é fundante para as narrativas que, tanto em Levítico como, especialmente, em Deuteronômio, serão retomadas como alianças que não se deve “deixar de lembrar”<sup>5</sup>. Os livros classificados pela Teologia como históricos, poéticos e proféticos também enfatizam a importância do povo de Israel de rememorar suas origens e os feitos divinos realizados entre eles. É a lembrança de narrativas míticas como direcionamentos morais e éticos para esses indivíduos.

O livro de Lamentações é uma obra de denúncia, desespero e tentativa de esperança para um povo exilado. A esperança e o alento aparecem no texto como a memória: “quero trazer a memória aquilo que me dá esperança”<sup>6</sup>. O par memória-esquecimento aparece no trecho transcrito acima em três contextos distintos: primeiro, como perda da paz como consequência do esquecimento do que é o bem; em segundo lugar, como lembrança de Deus do sofrimento humano como uma forma de desencadear a ação divina e, por fim, a memória humana como algo capaz de estimular a esperança. São compreensões do que é e para que serve a memória em apenas um curto trecho. As nuances sobre a memória aparecem ao longo de todo cânone bíblico. No entanto, esta é assinalada como constituinte da narrativa e da vivência de personagens ao longo dos textos.

A importância do lembrar não está presente apenas nas obras veterotestamentárias. Os livros que constituem o Novo Testamento também entendem a memória como atributo central. A narrativa cristã se dirige ao futuro direcionada pelo passado e pelas lembranças que este evoca no presente. Um dos ritos centrais no Cristianismo é fundado no ato de lembrar: é a obediência ao mandamento de Cristo: “fazei isto em memória de mim”<sup>7</sup>, quando a ceia é compartilhada. Jacques Le Goff afirma que o vínculo entre memória e religião faz do Judaísmo e do Cristianismo “religiões da recordação”, porque

[a]os divinos de salvação situados no passado formam o conteúdo da fé e o objeto de culto, mas também porque o livro sagrado, por um lado, a tradição histórica, por outro, insistem, em alguns aspectos essenciais, na necessidade da lembrança como tarefa religiosa fundamental.<sup>8</sup>

A tradição cristã se funda sob a lembrança das palavras e ações de Jesus na Terra. As atuações dos apóstolos são orientadas por isso. Os mártires ou “heróis da fé” também passam a ter lugar especial no hall da memória do Cristianismo. O estabelecimento de dias santos, da comemoração do Pentecostes, do Advento são momentos de cristalização e institucionalização da memória no calendário cristão, assim como são as próprias práticas litúrgicas como a ceia – lembrança de Cristo “até que Ele venha” – e o batismo, lembrando que Cristo assim o fez.

As Igrejas Reformadas no século XVI também estão inseridas na definição de Le Goff de “religião da recordação”. Nas igrejas luteranas mais tradicionais, por exemplo, os sermões dominicais são organizados numericamente de acordo com a antecedência ou posterioridade ao Advento, ao Pentecostes, além de haver um dia instituído na tradição para a recordação: o

<sup>4</sup> Gênesis 9:16.

<sup>5</sup> Levítico 26:42, Deuteronômio 7:18; 15:15; 25:18.

<sup>6</sup> Lamentações 3:21.

<sup>7</sup> Lucas 22:19.

<sup>8</sup> LE GOFF, J. *História e Memória*. Tradução de Irene Ferreira; Bernardo Leitão e Suzana Ferreira Borges. Campinas: Editora Unicamp, 1990, p. 338.

*Totensonntag* (Dia da Lembrança). No presente artigo, proponho estabelecer uma reflexão sobre a relação entre memória e Cristianismo a partir de um importante teólogo da tradição protestante luterana alemã contemporânea, Dietrich Bonhoeffer. Pretende-se, portanto, observar de que maneiras a memória é compreendida e assimilada pelo pastor luterano em dois de seus sermões centrados na temática. Objetiva-se perceber como a mobilização do passado e das histórias bíblicas, assim como a grande ênfase para relembrar momentos e acontecimentos da tradição judaico-cristã, aparecem como mote de ação para o pastor em meio à opressão totalitária e às investidas nazistas dentro das igrejas.

## PREGANDO EM TEMPOS SOMBRIOS: OS SERMÕES DE DIETRICH BONHOEFFER

O pastor luterano Dietrich Bonhoeffer se tornou mundialmente conhecido após o fim da Segunda Guerra Mundial. Em sua homenagem, uma estátua está disposta na Abadia de Westminster como um dos dez maiores mártires modernos, além de ruas, memoriais, igrejas e hospitais que levam seu nome na Europa e na América do Norte. Executado em 1945 no campo de concentração de Flossenbürg, Bonhoeffer exerceu o papel de denunciador, resistente e entusiasta da resistência entre os protestantes contra o nazismo desde o início da década de 1930. Tais ações o colocaram como uma “resistência minoritária”, termo cunhado pelo historiador Robert Ericksen para designar o pequeno grupo de protestantes que se engajaram na luta contra o regime.<sup>9</sup> O imaginário acerca de Bonhoeffer se consolidava no pós-guerra retratando-o como o pastor espião e o teólogo conspirador.

Em sua produção, é possível observamos três diferentes, mas complementares perfis de Bonhoeffer: o *Bonhoeffer teólogo*, o *Bonhoeffer pregador* e o *Bonhoeffer espião*. Suas duas facetas de resistência mais conhecidas são do *Bonhoeffer teólogo* e do *Bonhoeffer espião*. A oposição do Bonhoeffer teólogo se deu, especialmente, a partir de duas vertentes: elaboração e publicação de ofícios individualmente ou em conjunto com outros pastores e ações coletivas. O aspecto mais conhecido de sua resistência, no entanto, é o violento, a do *Bonhoeffer espião*. Vivendo em segurança nos Estados Unidos quando a Segunda Guerra se iniciou, o pastor retornou à Alemanha. Eberhard Bethge, autor de sua monumental biografia e aluno e amigo do pastor, define o retorno de Bonhoeffer como compartilhar o destino da Alemanha e se responsabilizar por este<sup>10</sup>.

Ao voltar, proibido de pregar e, após ter evadido o serviço militar, foi convocado por seu cunhado Hans von Dohnanyi para participar de uma ação de coleta de todas as ações ilegais realizadas pelo governo nazista. A partir de sua relação com o movimento ecumênico, ele poderia ser um ponto de interlocução entre a resistência alemã e os Aliados. Com a intensificação da violência do regime e a diminuição dos espaços de ação, o grupo, em aliança com Admiral Canaris, cabeça da Inteligência Militar Alemã, passou a conspirar contra a vida de Adolf Hitler. Preso em 1943 por não ter se alistado, é descoberto que Bonhoeffer havia participado, além de uma conspiração para o assassinato de Führer, de uma série de viagens em auxílio aos judeus. Isso o levou a ser enforcado em abril de 1945 no campo de concentração de Flossenbürg.

A faceta menos presente de Bonhoeffer nos estudos sobre as temáticas relacionadas à religião e ao nazismo é a de sua pregação. Suas concepções, textos publicados e ações têm relação

<sup>9</sup> ERICKSEN, Robert P. A Radical Minority: Resistance in the German Protestant Church. In: NICOSIA, Francis R.; STOKES, Lawrence D. (Org.). *Germans against Nazism: nonconformity, opposition and resistance in the Third Reich: essays in honour of Peter Hoffmann*. New York: Berg Publishers Ltd, 1990, p. 115-137.

<sup>10</sup> BETHGE, Eberhard. *Bonhoeffer. A Biography*. Translated by Victoria Barnett. Minneapolis, MN: Fortress Press, 2000, p. 678.

direta com o exercício de sua atividade pastoral no púlpito. Era no discurso onde ele, no espaço público, também resistia e, mais do que isso, conclamava à resistência em pequenos núcleos da comunidade protestante. Suas pregações incluem temáticas variadas. De maneira geral, observamos que, em um primeiro momento, nos sermões pregador em Berlim, narrativas de personagens como Moisés, Pedro, Gideão e Daniel são mobilizadas como crítica a um discurso de autossuficiência presente em alguns grupos. A temática do medo também se faz presente de maneira muito significativa no período.<sup>11</sup> Posteriormente, em meados ao fim da década 1930, suas pregações, como um sintoma do momento vivido, falam a respeito do sofrimento humano, do lugar do cristão no mundo, da denúncia e da ética cristã. Compreender Bonhoeffer como pregador é, portanto, uma dimensão fundamental para a compreensão de toda sua obra teológica.

O sermão é um gênero discursivo oral pautado na retórica que tem como fim a persuasão de seu público. O intuito do pregador no púlpito, no entanto, não é, em última instância, informar ao público sobre o que está contido na Bíblia, mas sim, a partir de um trecho presente na Bíblia, invocar o outro a uma determinada ação ou prática social. Ele parte de um ponto de uma passagem bíblica, reveste-o de questões latentes do período e que fazem parte do imaginário do público e “o aplica à contemporaneidade da própria produção discursiva.”<sup>12</sup>

Percebe-se, portanto, que o sermão, em sua compreensão mais tradicional, parte do princípio de trazer ao presente uma narrativa passada. É a produção discursiva a partir da memória contida no cânone bíblico. Além disso, o próprio espaço é um espaço de memória. Segundo Maurice Halbwachs, “a Igreja não é somente o lugar onde se reúnem os fiéis”, mas um local que “impõe ao grupo uma distribuição e atitudes e grava em seu espírito um conjunto de imagens tão determinadas e imutáveis como as dos ritos, preces, elementos do dogma”<sup>13</sup>. O espaço e o momento são produzidos de forma que, ao entrar na cerimônia, o indivíduo seja capaz de correlacionar a experiência que está sendo vivida com experiências anteriores. A tradição é essencialmente pautada na memória, no rememorar, e o culto é a materialização disso.

A comunidade religiosa e a pregação como formas de manter as raízes na tradição estão presentes na prática das igrejas onde Dietrich Bonhoeffer pastoreava, em Londres. Foram poucos os momentos onde o pastor teve a oportunidade de pregar por um período de tempo mais extenso. Isso aconteceu apenas em Barcelona, no final da década de 1920, quando se preparava para ser consagrado pastor, e na sua estadia em Londres entre 1933 e 1935. Nessa última oportunidade foi ministro em duas igrejas, no subúrbio de Forest Hill, a congregação de Sydenham, composta por alemães que trabalhavam na embaixada inglesa, e a Igreja de St. Paul, composta por maioria de comerciantes alemães. Durante seu trabalho paroquial, enviou alguns de seus sermões a amigos na Alemanha, sendo este o momento de sua vida pastoral onde encontramos a maior concentração de pregações arquivadas: mais de 20 dos 71 sermões completos a que temos acesso são de sua estadia na Inglaterra.

As duas congregações eram o principal lugar de ligação desses alemães fora da Alemanha com a cultura de sua terra natal. Um dos elementos culturais presentes e de grande predileção de Bonhoeffer eram os hinos dos séculos XV e XVI cantados nos cultos, alguns transcritos no início de

---

<sup>11</sup> Os sermões mencionados podem ser conferidos na coletânea documental *Dietrich Bonhoeffer Works: Volume 12, Berlin 132-1933*. RASMUSSEN, Larry. *Dietrich Bonhoeffer Works: Berlin: 1932-1933*, vol. 12, Tradução de Isabel Best et al, Minneapolis: Fortress Press, 2009.

<sup>12</sup> SANTANA, Wilder Kleber Fernandes de. O sermão expositivo religioso enquanto gênero do discurso: uma abordagem linguístico-dialógico-discursiva. *Revista Digital dos Programas de Pós-Graduação do Departamento de Letras e Artes da UEFS*, Feira de Santana, v. 19, n. 2, p. 79-90, 2018, p. 87.

<sup>13</sup> HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. trad. de Beatriz Sidou, São Paulo: Centauro, 2006, p. 108.

seu rascunho da pregação do dia ou inseridos ao longo de sua fala. Essas igrejas foram, portanto, espaços onde a memória teve protagonismo tanto por conta da tradição cristã em si como pelo *elemento identitário*, de lembrar e manter viva a cultura germânica nas igrejas pastoreadas por Bonhoeffer na Inglaterra.

As pregações de Bonhoeffer, em geral, estabelecem um diálogo muito forte com as angústias do presente e tem uma preocupação em trazer exemplos cotidianos e elementos presentes no imaginário do público. Nesse sentido, utiliza várias figuras de linguagem e comparações entre eventos bíblicos e o momento atual da Alemanha. Londres é um dos espaços onde, em comparação aos locais que em pregou ou ainda pregaria – como Berlim e Finkenwalde –, encontramos uma grande variedade de temáticas. No entanto, dentro dessa diversidade, está presente uma crítica muito forte à Igreja no período.

No momento onde esteve fora de Berlim, a Igreja Protestante na Alemanha passava por um dos momentos mais cruciais das disputas teológicas e institucionais entre os grupos dentro da Igreja Protestante Alemã ao longo da década de 1930, batizado pela historiografia de *Kirchenkampf* (Luta pela igreja). Aconteciam, no momento, disputas entre o núcleo resistente às influências nazistas na Igreja - a *Bekennende Kirche* (Igreja Confessante) - e o movimento pró-nazista de protestantes - os *Deutsche Christen* (Cristãos Alemães) - e conflitos de alguns pastores, como o próprio Bonhoeffer, com autoridades estatais. O pastor luterano utiliza de sua posição privilegiada frente ao movimento ecumênico como forma de denunciar as políticas nazistas em vários países da Europa, colaborando de maneira expressiva com a resistência religiosa no período, mesmo estando fora do país.

Como a memória foi mobilizada por ele nesse contexto caótico? É importante salientar, como dito anteriormente, que o sermão é uma construção narrativa que tem como mote inicial o passado e a memória (inclusive afetiva) que este é capaz de instigar em seus ouvintes. A narrativa é capaz de *reconstruir* a partir de lembranças e esquecimentos, mas não *reexperimentar* o passado em sua totalidade. Como afirma Estevão Martins, a metáfora é, muitas vezes, “meio privilegiado para a reconstituição do enredo do tempo”<sup>14</sup>, explorada de maneira que o não-dito ou o dito através de figuras de linguagem seja capaz de ser reconhecido e decodificado pelo ouvinte. Bonhoeffer não mobiliza narrativas heroicas, mas sim narrativas de dor, de submissão, de sofrimento, de resistência que, sem falar, falam. A escolha das histórias bíblicas e das passagens falam. O que se deve lembrar e o que se deve esquecer, para ele, falam muito da sua compreensão de ação no presente.

## **MEMÓRIA, ESQUECIMENTO, ETERNIDADE E JULGAMENTO: ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE A MEMÓRIA EM DIETRICH BONHOEFFER**

Como mencionado, as temáticas trabalhadas por Bonhoeffer em Londres são plurais. No entanto, em dois de seus sermões – pregados em dias importantes no calendário religioso protestante – o tema da memória se faz presente de maneira peculiar, quase protagonista<sup>15</sup>.

O primeiro dos sermões, baseado na passagem de 2 Coríntios 5:10 sobre o acerto de contas divino com os seres humanos, foi pregado no dia 19 de novembro de 1933, dia de celebração do

<sup>14</sup> MARTINS, Estevão C. de Rezende. O enigma do passado: construção social da memória histórica. *Textos de História*, Brasília, v. 15, n. 1/2, 2007, p. 36.

<sup>15</sup> Os sermões analisados estão presentes na coletânea documental *Dietrich Bonhoeffer Works: Volume. 13, London 1933-1935* onde outras pregações e estudos bíblicos do mesmo período podem ser consultados. CLEMENTS, Keith (Org). *Dietrich Bonhoeffer Works: London, 1933-1935*, Tradução de Isabel Best e Douglas W. Stott. Minneapolis: Fortress Press, 2007.

calendário litúrgico do *Buss - und Bettag* (Dia da Oração e do Arrependimento). É um sermão de exortação, ou seja, de crítica aos seres humanos e à Igreja. Teve como temática principal os segredos e desejos que os indivíduos tentam ocultar diante do mundo e de Cristo e o julgamento de Cristo sob a humanidade. Nesse sermão, além de iniciar com a passagem bíblica, algo presente em praticamente todas as formulações do gênero, parte, também, da discussão de um provérbio alemão, dialogando diretamente com a memória coletiva daqueles sujeitos sobre seu país.

O provérbio alemão em questão fala sobre o temor humano de que seus recônditos mais sombrios venham à tona. “Nada pode permanecer em segredo, nada permanece escondido”<sup>16</sup>. Isso testifica, para o pastor, a necessidade humana de ouvir o chamado divino no Dia do Arrependimento. Bonhoeffer enfatiza a incapacidade humana de escolher entre o que perdurará ou não dos nossos atos realizados no passado, entre o que será lembrado e esquecido pelos e sobre os indivíduos.

A falta de ação dos seres humanos acerca da memória individual – no sentido de faculdade psíquica – e da memória coletiva – entendida como elementos partilhados e construídos para serem lembrados dentro de um grupo – é algo que Bonhoeffer assinala como inevitável. Segundo o pastor, o lembrar e o esquecer estão intimamente vinculados, e a escolha, dita sempre por ele como necessária às ações humanas, não entra na dimensão da memória. No sermão em questão, a memória aparece como interação em certos momentos e, em outros, como oposição. Aparece como oposição quando o pastor fala do esquecimento como forma de ocultar suas ações e se desresponsabilizar por elas. Relaciona “esconder” e “revelar” com “esquecer” e “lembrar”, respectivamente. O esquecimento, relacionado a ocultar pecados e erros de nossa vida, é um alento para aqueles que creem que “o esquecimento é o poder mais forte e finalizador.”<sup>17</sup>. Bonhoeffer não inclui a si nesse grupo por não ver o esquecimento proposital como saída. Esquecer, nesse contexto, está ligado a uma atividade proposital efetuada pelos indivíduos como forma de se esquivarem de suas responsabilidades. Entretanto, por mais que o ser humano anseie o poder de esquecer ou guardar – na memória e na história – fatos que lhe convém, este, segundo o pastor, não lhe é concedido.

Além disso, a tensão e interação entre memória e esquecimento é apresentada também na compreensão de Bonhoeffer do que é a eternidade. Para ele, “eternidade não é esquecimento, mas sim memória – memória eterna”<sup>18</sup>. Memória e esquecimento aparecem como antagonistas e não complementares ou vinculados. O pastor estava focado em pensar a memória a partir da hermenêutica cristã e, a partir dela, vê essa tensão.

A memória, portanto, parece ser entendida por Bonhoeffer de duas formas: a *memória humana*, vinculada às ações e acontecimentos terrenos, e a *memória eterna*, vinculada a Deus e à eternidade. Essa segunda compreensão é sintetizada por ele quando afirma que “[é] por isso que nossos antepassados nos deixaram a imagem do Livro da Vida onde nossas vidas estão gravadas. [...] Nada será esquecido”<sup>19</sup>. O Livro da Vida é a contraposição do esquecimento: é um livro de lembranças, é um livro de registros íntegros dos acontecimentos do passado sem nenhuma lacuna. É, diferentemente da memória humana, capaz de quebrar o par lembrar-esquecer e instituir apenas o lembrar. Para Bonhoeffer, portanto, a possibilidade do *não esquecimento* só se constitui em Deus,

<sup>16</sup> BONHOEFFER, Dietrich. Sermon on 2 Corinthians 5:10, 19 de Novembro de 1933. IN: CLEMENTS, Keith (org). *Dietrich Bonhoeffer Works: London, 1933-1935*, Tradução de Isabel Best e Douglas W. Stott. Minneapolis: Fortress Press, 2007, p. 326.

<sup>17</sup> BONHOEFFER, 2007, p. 326.

<sup>18</sup> BONHOEFFER, 2007, p. 328.

<sup>19</sup> BONHOEFFER, 2007, p. 328.

pois “não faz diferença do que esquecemos ou não. Deus nunca esquece”<sup>20</sup>. No âmbito humano, a memória é um dos elementos que prova ao ser humano sua incapacidade de poder. Não é capaz de lembrar ou mesmo esquecer o que bem quer.

Essa impossibilidade humana de escolher o que lembrar e o que esquecer não está apenas em Bonhoeffer ou na Teologia Luterana. Em *Confissões*, Santo Agostinho, uma das maiores influências do Cristianismo ocidental, elogia a memória, apresentando-a como qualidade dada pelo divino. O esquecimento, no entanto, aparece como um assombro, algo que perturba a memória, ao mesmo tempo em que com ela convive<sup>21</sup>. Isso demonstra como as inquietações e múltiplas compreensões da memória a partir do texto bíblico estão presentes em uma parte considerável da tradição cristã e não isoladamente nos escritos de Bonhoeffer. A memória aparece adjetivada positivamente quando está vinculada a Deus. É uma memória perfeita em contraposição à imperfeição humana, que ainda carrega em si o esquecimento.

### “EM MEMÓRIA, CONSEGUIMOS VÊ-LOS PERANTE NÓS”: A MEMÓRIA COMO ESPERANÇA

O sermão pregado por Dietrich Bonhoeffer no dia 26 de novembro de 1933, uma semana após a pregação analisada anteriormente, centra-se na questão da morte. É um momento de reflexão sobre a alma daqueles que se foram e sobre a inevitabilidade da morte. O último domingo de liturgia do ano, justamente esse no qual o sermão foi pregado, é conhecido na tradição protestante luterana como *Totensonntag*, o dia da lembrança ou domingo de finados. A data, conhecida também como *Ewigkeitssonntag* (Domingo da eternidade), traz a ligação entre morte, eternidade e memória. A institucionalização de um dia como este, inclusive como feriado nacional na Alemanha, demonstra a força de datas de celebração nos calendários como forma de preservação da memória de outrem e de uma tradição memorialística dentro da tradição protestante.

Essa ligação entre memória e a morte, para o Cristianismo, no entanto, é algo que remonta à Antiguidade Tardia. A importância de lembrar a morte e a vida daqueles que lutaram pela fé está presente no momento de difusão do Cristianismo<sup>22</sup>. No medievo, os rituais e práticas memorialísticas constituíam um espaço onde público e privado se imbricavam na política e no social. A título de exemplo, a obra *O Livro dos Mártires*, escrita por John Foxe no século XVI, constitui parte importante do imaginário cristão ocidental acerca da figura do mártir cristão até hoje. É a catalogação dos nomes, vidas e obras de personagens que, de acordo com o reformador inglês, deveriam perdurar na tradição e memória cristã como exemplos. Relatos que antes se transmitiam oralmente passam, com a invenção da imprensa, a serem armazenados e difundidos de maneira nunca vista anteriormente. Como afirma Le Goff, “[a] imprensa revoluciona, embora lentamente, a memória ocidental.”<sup>23</sup>. A obra de Foxe é, portanto, a exaltação de uma memória exemplar que alcançou seu ápice com a morte dos sujeitos. A morte aparece como coroação da importância dos personagens e de algo que os faria merecer lugar na memória cristã.

O *Totensonntag*, portanto, está dentro de uma tradição memorialística constituinte das religiões judaico-cristãs. No entanto, o culto, a prática de celebração, já é uma forma de ritualização

---

<sup>20</sup> BONHOEFFER, 2007, p. 328.

<sup>21</sup> RICOUER, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução de Alain François et. al., Campinas, SP: Editora Unicamp, 2007, p. 110.

<sup>22</sup> LE GOFF, J. *História e Memória*. Tradução de Irene Ferreira; Bernardo Leitão e Suzana Ferreira Borges. Campinas: Editora Unicamp, 1990, p. 442.

<sup>23</sup> LE GOFF, 1990, p. 451.

da memória. Rememorar aparece como forma de resgatar do esquecimento eventos marcantes, coletivos, em maior ou menor escala. No *Totensonntag*, mais do que resgatar narrativas importantes como forma de ação ou condução moral, é o esforço de não deixar o esquecimento solapar a vivência de entes queridos. Dietrich Bonhoeffer, em sua pregação, não menciona nenhum dos presentes ou ausentes. A questão da morte é entendida como uma inquietação humana e se refere a esta como um sofrimento coletivo:

Um choro de dor surge das profundezas e ecoa através do mundo: a mão chamando seu filho, o filho sua mãe, o marido sua esposa; amigo chamando amigo, irmão chamando irmão, um choro de amor pelos amados perdidos: Onde você está?<sup>24</sup>

Sua fala, portanto, ativa uma memória coletiva, uma experiência partilhada entre os participantes da celebração ou, pelo menos, por boa parte deles. Nos termos de Maurice Halbwachs, a pregação de Dietrich Bonhoeffer sobre a morte e a necessidade de não esquecer aqueles que se foram é uma *lembrança provocada* pela fala do pastor. Segundo Halbwachs, “nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos”<sup>25</sup>. Quando Bonhoeffer fala daqueles que estão nas mãos de Deus, do sofrimento particular que foram libertados, cada ouvinte que perdeu algum familiar ou amigo lembrará da trajetória particular de cada um e das dificuldades enfrentadas, mesmo que nenhuma dessas seja mencionada explicitamente. A memória individual não pode ser distanciada da memória coletiva.

Neste sermão, rememorar alguém que se foi tem como principal função *consolar o que vive*. Segundo o pastor, “em memória, conseguimos vê-los perante nós – aqueles que amamos – como nos vimos da última vez. Essa imagem permanece em nós como nenhuma outra”<sup>26</sup>. A memória é vista como um meio de acesso àquele que se foi. É a maneira que “a memória garante a continuidade temporal da pessoa [...]”<sup>27</sup>. A memória aparece nesse sermão, portanto, como o presente no passado – a permanência de alguém, hoje, com base no que foi – e o passado no presente – ao resgatá-lo do passado e do esquecimento, nunca deixá-lo morrer. Podemos entender a memória, nesses termos, como:

registro transcendente do tempo que já não mais é, ativado no presente pela lembrança que opera o uso dos conteúdos da memória. A experiência do tempo afeta cada indivíduo, ao mergulhá-lo na realidade concreta da história empírica acumulada em sua sociedade e em sua cultura.<sup>28</sup>

Partindo disso, a memória é entendida por Bonhoeffer nesse sermão como uma forma única e particular de acessar o passado e se transportar no tempo. Esse acesso àquele que se foi a partir da memória é, no entanto, uma lembrança da imagem criada do outro para si. Aquele que é lembrado só é lembrado pela ótica do outro, é rememorado de acordo com as perspectivas tidas sobre ele em vida ou sobre as imagens construídas sobre ele, às quais teve acesso. A memória, portanto, tem seu caráter subjetivo expresso, inclusive, nas memórias que temos sobre outrem.

---

<sup>24</sup> BONHOEFFER, 2007, p. 332.

<sup>25</sup> HALBWACHS, 2006, p. 30.

<sup>26</sup> BONHOEFFER, 2007, p. 331.

<sup>27</sup> RICOUER, 2007, p. 107.

<sup>28</sup> MARTINS, 2007, p. 35-36.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pela análise dos dois sermões pregados por Bonhoeffer em 1933, observamos a memória sendo compreendida em duas funções principais: como *regulador moral* e como *consolo*. O passado e a memória aparecem como constituintes irrevogáveis do ser cristão nas duas pregações. O ato de lembrar aparece para finalidades distintas, mas ambas como aspectos importantes do sujeito inserido na lógica e na prática cristã.

A memória, assim como as ritualizações, aparece como aspecto fundante do crer. Em vista disso, rememorar está no cerne da prática religiosa. Trazer o passado para o presente através da memória constitui a prática da pregação e do proselitismo religioso. Usa-se uma memória exemplar – ou seu contrário – como forma de estimular a manutenção ou mudança de um comportamento, pensamento ou ação no tempo presente. Bonhoeffer, ao utilizar exemplos enquadrados no imaginário cristão, pretende estimular uma ação ativa em seus ouvintes.

Sermões centrados em figuras como Moisés, Gideão e os apóstolos, como os pregados em Berlim, são maneiras de dar um referencial moral através do passado para a ação no presente, e de pautar a ação com base em uma reinterpretação da memória cristã. Enquanto muitos utilizariam exemplos que simbolizariam sucesso, Bonhoeffer seleciona Gideão como representação de fraqueza, Moisés como representação de falta de talento, e o próprio Cristo como representação de derrota na cruz. A fraqueza, a falta de talento e a cruz como fracasso são, ao invés de insucesso, narrativas e eventos dignos de rememoração frente a uma sociedade e a correntes teológicas que exaltavam as conquistas humanas. O que se deve ou não lembrar está inteiramente vinculado com as respostas dadas *para que* e *porquê* lembrar.

Para Walter Benjamin, o mundo era fundado pela tradição e cultivo do passado até o século XX. Entretanto, a contemporaneidade foi tomada pelo esvaziamento do lugar da memória graças à pobreza de experiências possíveis de serem partilhadas. As religiões, no entanto, são espaços onde a memória encontra não só lugar, mas sim protagonismo. Onde o mundo sofre não desencantamento, mas sim é reencantado a partir da narrativa sobre o passado como mote para o que será o futuro. Trazer à memória aquilo que dá esperança é uma afirmação que também compreende ser possível trazer à memória aquilo que é desesperançoso. A tradição cristã lembra em seus cânticos, versículos, pregações e símbolos a necessidade de lembrar da morte como vida, da palavra como ação, e do humano, em Cristo, como algo além do concreto. O entendimento da memória como algo não consolidado e absolutamente heterogêneo dentro das religiões e, especificamente, na tradição judaico-cristã, abre um leque de perguntas complexas e diversificadas sobre o tema, questões as quais o artigo em questão não pretende dar conta em sua totalidade. No entanto, o ponto comum entre essas várias compreensões é: *lembre-se sempre de lembrar*.

## REFERÊNCIAS

BETHGE, Eberhard. *Bonhoeffer. A Biography*. Translated by Victoria Barnett. Minneapolis, MN: Fortress Press, 2000.

BÍBLIA. Português. *Bíblia de Estudos Shedd: Antigo e Novo Testamentos*. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Editora Vida Nova, 1998.

CLEMENTS, Keith. (Org). *Dietrich Bonhoeffer Works: London, 1933-1935*, Tradução de Isabel Best e Douglas W. Stott. Minneapolis: Fortress Press, 2007.

ERICKSEN, Robert P. A Radical Minority: Resistance in the German Protestant Church. In: NICOSIA, Francis R.; STOKES, Lawrence D. (Org.). *Germans against Nazism: nonconformity, opposition and resistance in the Third Reich: essays in honour of Peter Hoffmann*. New York: Berg Publishers Ltd, 1990, p. 115-137.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou, São Paulo: Centauro, 2006.

LE GOFF, J. *História e Memória*. Tradução de Irene Ferreira/ Bernardo Leitão e Suzana Ferreira Borges. Campinas: Editora Unicamp, 1990.

MARTINS, Estevão C. de Rezende. O enigma do passado: construção social da memória histórica *Textos de História*, Brasília, v. 15, n. 1/2, 2007, p. 35- 48.

RICOUER, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Trad. Alain François et al., Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2007.

SANTANA, Wilder Kleber Fernandes de. O sermão expositivo religioso enquanto gênero do discurso: uma abordagem linguístico-dialógico-discursiva. *Revista Digital dos Programas de Pós-Graduação do Departamento de Letras e Artes da UEFS*, Feira de Santana, v. 19, n. 2, 2018, p. 79-90.